

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

BIANCA FLORESTA DE SÁ

**AUTOETNOGRAFIA:
ENSAIO SOBRE O MÉTODO**

**Uberlândia
2024**

BIANCA FLORESTA DE SÁ

**AUTOETNOGRAFIA:
ENSAIO SOBRE O MÉTODO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza

Uberlândia

2024

Ficha Catalográfica Online do Sistema de Bibliotecas da UFU
com dados informados pelo(a) próprio(a) autor(a).

S111 2024	Sa, Bianca Floresta de, 2001- Autoetnografia: [recurso eletrônico] : ensaio sobre o método / Bianca Floresta de Sa. - 2024. Orientador: Márcio Ferreira de Souza. Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Uberlândia, Graduação em Ciências Sociais. Modo de acesso: Internet. Inclui bibliografia. 1. Sociologia. I. Souza, Márcio Ferreira de, 1968-, (Orient.). II. Universidade Federal de Uberlândia. Graduação em Ciências Sociais. III. Título. CDU: 316
--------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Bibliotecários responsáveis pela estrutura de acordo com o AACR2:

Gizele Cristine Nunes do Couto - CRB6/2091
Nelson Marcos Ferreira - CRB6/3074

BIANCA FLORESTA DE SÁ

**AUTOETNOGRAFIA:
ENSAIO SOBRE O MÉTODO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial para obtenção do título de licenciada em Ciências Sociais.

Uberlândia, 22 de abril de 2024

Banca Examinadora:

Prof. Dr. Márcio Ferreira de Souza (INCIS/UFU) – presidente

Profa. Dra. Valéria de Paula Martins (INCIS/UFU) – membro da banca

Profa. Dra. Carolina Cadima Fernandes Nazareth – membro da banca

Dedico este trabalho aos meus colegas
cientistas sociais, que nunca deixemos de
ser subversivos.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais por terem me apoiado nessa jornada, cada um a seu modo. Aos meus amigos, por estarem ao meu lado, por todas as risadas, conversas e apoio. Ao campus Santa Mônica, por ser tão lindo e encantador, com suas árvores, cores e artes que alegravam até o meu dia mais amargo.

Agradeço ao professor Márcio, que aceitou me orientar de última hora e contribuiu em muito para a elaboração deste trabalho. Um agradecimento especial também à professora Valéria que, no último minuto do segundo tempo do curso, me trouxe para a Antropologia. Agradeço pelas conversas que tivemos, pelos textos que discutimos e pelo olhar apaixonado pela vida que tanto me contagiou, mudando o rumo da minha vida.

Por último, mas de longe menos importante, agradeço ao meu companheiro, Pedro, pelo apoio sem fim, pelos incentivos, por ler meus esboços menos elaborados, por me fazer tão feliz e compartilhar as belezas da vida comigo.

“Fomos educadas para respeitar mais ao medo do que a nossa necessidade de linguagem e definição, mas se esperarmos em silêncio que chegue a coragem, o peso do silêncio vai nos afogar.”

Audre Lorde, 1977.

RESUMO

O ensaio proposto possui como objetivo investigar e defender o método autoetnográfico, por meio de uma revisão bibliográfica. Assim, o trabalho busca explorar as potencialidades do método autoetnográfico para além do campo antropológico, propondo sua aplicação dentro das Ciências Sociais como um todo. Pretende-se, com isso, repensar os modelos metodológicos clássicos das Ciências Sociais, abraçando uma abordagem epistemológica descolonial que valorize a subjetividade na compreensão do todo social e cultural. Dessa maneira, o texto busca superar a dicotomia entre estrutura e ação social e rejeita a ideia de objetividade científica imparcial, defendendo a adoção de perspectivas localizadas que reconheçam a subjetividade e a diversidade de corpos na produção do conhecimento científico. Portanto, o ensaio apresenta a autoetnografia como um método que objetiva formular uma análise reflexiva das experiências individuais, de forma com que contribuam para a compreensão de fenômenos coletivos socioculturais. Apesar de pouco conhecida e criticada por seu caráter subjetivo, a autoetnografia é defendida como um método enriquecedor que amplia a compreensão e o alcance das Ciências Sociais.

Palavras-chave: autoetnografia, compreensão, Ciências Sociais, descolonialidade.

ABSTRACT

This essay aims to investigate and defend the autoethnographic method, through a bibliographic review. Thus, the work seeks to explore the potential of the autoethnographic method beyond the anthropological field, proposing its application within the Social Sciences as a whole. The aim is to rethink the classic methodological models of Social Sciences, embracing a decolonial epistemological approach that values subjectivity in understanding the social and cultural whole. In this way, the text seeks to overcome the dichotomy between structure and social action and rejects the idea of impartial scientific objectivity, defending the adoption of localized perspectives that recognize the subjectivity and diversity of bodies in the production of scientific knowledge. Therefore, the essay presents autoethnography as a method that aims to formulate a reflective analysis of individual experiences, in a way that contributes to the understanding of collective sociocultural phenomena. Despite being uncharted and criticized for its subjective nature, autoethnography is defended as an improving method that expands the understanding and scope of Social Sciences.

Keywords: autoethnography, understanding, Social Sciences, decoloniality.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	12
2 DESENVOLVIMENTO	18
2.1 O QUE É A AUTOETNOGRAFIA?.....	18
2.2 COMO FAZER AUTOETNOGRAFIA?.....	26
2.3 A AUTOETNOGRAFIA E A SOCIOLOGIA.....	31
2.4 POSSÍVEIS USOS DO MÉTODO AUTOETNOGRÁFICO.....	34
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	38
4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	41

1 INTRODUÇÃO

“Muitos problemas pessoais não podem ser resolvidos simplesmente como preocupações, mas devem ser compreendidos em termos de questões públicas [...]. O sentido humano das questões públicas pode ser revelado relacionando-se tais questões com as preocupações pessoais – e com problemas da vida individual. Os problemas da ciência social, quando formulados adequadamente, devem incluir tanto as preocupações como as questões, a biografia e a história, e o âmbito de suas relações complexas.”

(Wright Mills)

O objetivo inicial deste trabalho de conclusão de curso era a elaboração de uma monografia feita a partir do método autoetnográfico somado aos estudos de gênero da área sociológica visando responder à questão: e sou eu uma mulher? Entretanto, devido ao curto prazo para a elaboração do trabalho e a problemas pessoais relacionados a escrita-pesquisa de si mesma exigida pelo método, decidi, em conjunto com meu orientador Márcio Ferreira de Souza, elaborar um ensaio investigativo sobre o método da autoetnografia, tão pouco conhecido e utilizado no campo da Ciências Sociais brasileiras.

Meu interesse em relação ao método surge a partir da participação da disciplina de Leituras Etnográficas, ministrada pela professora Valéria de Paula, em que pude ter o primeiro contato com diferentes formas e metodologias de escrita e pesquisa na área da Antropologia. Até então, minha formação estava toda focada e voltada para a área de sociologia de gênero e os métodos de estudo e pesquisa sociológicos, porém me vi deslumbrada e profundamente afetada pela etnografia e suas variações, ao entrar em contato com o método autoetnográfico pela primeira vez através da monografia de Luyana Adrielle Almeida Ladislau, “Quem conta um conto aumenta um ponto: Autoetnografia sobre Educação Mediúnica por vias Espiritualistas” (2018). O trabalho de Ladislau rompe em diversas instâncias com os modelos vigentes da escrita científica, estruturando o texto em primeira pessoa e trazendo muito de sua subjetividade e história para a análise etnográfica, e, com isso, ela conseguiu apresentar muito bem, em texto analítico, os processos de identificação e construção subjetiva a partir da religião.

A partir dessa leitura comecei a me aprofundar sobre o método e a pensar sobre suas possíveis contribuições para a área de Ciências Sociais. Como dito anteriormente, minha ideia inicial era a de elaborar uma autoetnografia relacionada aos estudos de gênero, entretanto, ao longo da pesquisa bibliográfica feita para realizar tal projeto, percebi que há, no Brasil, poucas produções que versam sobre o método autoetnográfico, sua utilização e seus prós e contras dentro da área de pesquisa qualitativa. Certa de que as críticas em relação ao método são extensas, decidi dedicar este trabalho não à elaboração de uma autoetnografia em si, mas, sim, voltada para a explicação e a defesa do método como meio enriquecedor para as pesquisas na área das Ciências Humanas, principalmente dentro do campo qualitativo.

Portanto, não é minha pretensão realizar uma autoetnografia em si, sendo o objetivo central deste ensaio apresentar o método autoetnográfico, buscando demonstrar suas especificidades. Para além disso, pretendo argumentar que tal método pode ser aplicado para além do campo antropológico, podendo ser utilizado tanto pela Sociologia quanto pela Ciência Política. Assim, buscarei exemplificar como o uso da autoetnografia poderia se desenrolar dentro desses campos, com foco nos estudos de gênero. Dessa forma, apontarei para possíveis usos da autoetnografia enquanto método qualitativo, me apoiando em teóricos oriundos tanto da antropologia quanto da sociologia, buscando demonstrar como o método pode ser útil em ambas as áreas, se relacionando também com alguns campos da ciência política, tais como reivindicações de direitos por meio da exposição de grupos minoritários.

Sendo assim, pretendo com este trabalho repensar os modelos metodológicos clássicos presentes nas Ciências Sociais a partir de uma leitura epistemológica descolonial que propõe o uso disciplinado e criativo de metodologias oriundas tanto dos estudos sociológicos quanto dos antropológicos, delineando, assim, uma forma do fazer científico que leve em consideração as sutilezas da subjetividade para a compreensão do todo social e cultural. O trabalho de repensar os clássicos surge a partir da necessidade de superação dos métodos científicos pautados ainda em teorias positivistas, cartesianas, evolucionistas e, em sua maioria, europeias, do conhecimento, que propõem a aclamada neutralidade científica, a separação pesquisador-objeto e a busca por verdades absolutas como a única via possível do fazer científico. Para além disso, busco também superar a dicotomia sociológica clássica entre estrutura e ação social/sujeito-sociedade, partindo de teóricos como

Norbert Elias (1994), Giddens (2018), Bernard Lahire (2005), Bruno Latour (1994) e Donna Haraway (1995) para demonstrar a diversidade analítica no campo das Ciências Sociais e como podemos aplicá-las a partir de diferentes abordagens metodológicas.

Outra discussão necessária à elaboração deste trabalho é relativa à abordagem sobre a “objetividade” e a neutralidade científica. Durante sua trajetória e estabelecimento enquanto ciência, as Ciências Sociais perpassaram por diferentes linhas de construção do saber científico, seguindo por muito tempo os preceitos positivistas, iluministas e oriundos das ciências naturais, provenientes de sua criação. Entretanto, com o passar dos anos e o avanço nas pesquisas sociais, foi possível notar que as configurações historicamente específicas das ciências naturais não conseguiam abarcar a complexidade das ciências humanas e que os ideais de objetividade do conhecimento e a imparcialidade científica precisavam ser revistos dentro de metodologias voltadas para a construção das Ciências Sociais enquanto área do conhecimento apartada dos campos biológicos ou exatos da ciência.

Todavia, a antropóloga Donna Haraway (1995) chamou a atenção para outra questão envolvendo a objetividade do conhecimento dentro das teorias sociais, atentando para a corporificação de quem faz e comanda a ciência. Segundo a autora, a objetividade científica sempre adveio do corpo masculino, aplicando determinadas ideologias enquanto universais a partir de certo sistema de poder, havendo, dessa forma, um certo reducionismo da realidade apreendida (Haraway, 1995). Para além disso, Haraway afirma que “a ciência é um texto contestável e um campo de poder¹; o conteúdo é a forma. Ponto. A forma na ciência é retórica artefactual-social de fabricar o mundo através de objetos efetivos” (Haraway, 1995, p. 11).

Contudo, a autora não pretende desbancar ou negar a objetividade e o pensamento científico de forma alguma, apenas tece críticas necessárias e propõe, então, o que irá chamar de saberes localizados e perspectivas parciais. Como dito

¹ Bourdieu define campo como “[...] como um espaço onde se manifestam relações de poder, o que implica afirmar que ele se estrutura a partir da distribuição desigual de um *quantum* social que determina a posição que um agente específico ocupa em seu seio” (1983, p. 21). Já sua definição de poder se relaciona ao seu conceito de poder simbólico, a que o pesquisador Tiago Barros Rosa aponta como “o poder simbólico para Bourdieu (1989) é, fundamentalmente, um poder de construção da realidade. Tal poder detém os meios de afirmar o sentido imediato do mundo, instituindo valores, classificações (hierarquia) e conceitos que se apresentam aos agentes como espontâneos, naturais e desinteressados” (2017, p.4). Desse modo, quando Haraway afirma que a ciência é um campo de poder ela se refere à academia como um espaço de disputa de narrativas que detém o poder de transformar a realidade por meio de suas inferências.

inicialmente, pretendo alinhar este trabalho com as epistemologias do sul e análises decoloniais, e é exatamente esse tipo de proposta que se desenrola da teoria de Haraway. A antropóloga, com sua afirmação de que o conhecimento científico perpassa por corpos, corpos estes generificados e diversos, atesta também a necessidade de uma descentralização das teorias científicas em prol de pressupostos que retratem as diferentes conexões humanas com a realidade, demonstrando de onde estão partindo e quais seus significados (Haraway, 1995).

Assim, ao invés de cair na arrogância científica de se acreditar na objetividade imparcial, na onipotência da análise e na imutabilidade das teorias, todas oriundas de certo tempo e certos corpos – em sua maioria homens brancos e do Norte, que seguem, mesmo inconscientemente, lógicas coloniais de poder – a autora irá “argumentar a favor de uma doutrina e de uma prática da objetividade que privilegie a contestação, a desconstrução, as conexões em rede e a esperança na transformação dos sistemas de conhecimento e nas maneiras de ver” (Haraway, 1995, p. 24). A partir disso, é possível fazer um paralelo com os estudos decoloniais e feministas, que partem de uma realidade específica para elaborar e apoiar suas análises, como, por exemplo, as *escrevivências*, termo elaborado pela escritora Conceição Evaristo, que

em sua concepção inicial, se realiza como um ato de escrita das mulheres negras, como uma ação que pretende borrar, desfazer uma imagem do passado, em que o corpo-voz de mulheres negras escravizadas tinha sua potência de emissão também sob o controle dos escravocratas, homens, mulheres e até crianças. E se ontem nem a voz pertencia às mulheres escravizadas, hoje a letra, a escrita, nos pertencem também. (Evaristo, 2020, p.30)

Dessa maneira, tanto a noção de *saberes localizados* de Haraway, quanto a *escrevivência* de Evaristo apontam para a necessidade de uma escrita com lugar de partida, com corporeidade e subjetividade, sendo passíveis de serem utilizadas como recursos de análises sociais, políticas e antropológicas mais amplas. Consoante a isso, a proposta da autoetnografia surge a partir da busca da análise do social e cultural a partir das experiências individuais do pesquisador, trazendo as subjetividades e os pontos de vista localizados para o campo científico.

Dentro desta perspectiva, a autoetnografia consiste na análise reflexiva de certas experiências individuais que acabam tendo um eco nas vivências coletivas, buscando captar como o contexto cultural, as práticas e crenças sociais se relacionam com indivíduo e como este se constrói e estabelece em relação a elas (Ngunjiri *et al.*,

2010). Diferentemente de uma autobiografia, o propósito da autoetnografia não é o de reconstruir e retratar toda a vida do pesquisador, mas, sim, analisar criticamente, e se baseando no método etnográfico, certas vivências do sujeito que podem servir para a compreensão de um fenômeno coletivo sociocultural. Ademais, a autoetnografia coloca em prática a abordagem de saberes localizados de Haraway, deixando explícito as motivações e o contexto da análise, se construindo enquanto uma perspectiva parcial que pode auxiliar no estudo do todo.

O pesquisador Matheus Santos (2017) irá afirmar que a autoetnografia exige uma atenção especial ao eu-autor-pesquisador, sendo os sentimentos e as experiências vividas dados vitais para a elaboração da pesquisa a partir da atenção e do exercício da reflexividade, princípio etnográfico que atesta a imbricação entre o objeto e o pesquisador. Assim, na autoetnografia o pesquisador se torna o próprio campo e o próprio objeto de estudo, analisando suas experiências e dando ênfase nos sentimentos vividos com o objetivo de compreender melhor um fenômeno social. De maneira semelhante e elucidativa, Ngunjiri, Chang e Hernandez apontam que

Autoethnography is a qualitative research method that utilizes data about self and its context to gain an understanding of the connectivity between self and others within the same context. This research method is distinctive from others in three ways: it is qualitative, self-focused, and context-conscious (Ngunjiri et al., 2010, p. 2).²

Entretanto, a autoetnografia ainda é um método pouco conhecido e utilizado no campo das Ciências Sociais, principalmente dentro dos estudos nacionais. Muitos ainda o criticam devido ao seu caráter mais lúdico, envolvendo sentimentos e subjetividades que até então deveriam se manter fora do contexto científico, carregando ainda a herança positivista e os resquícios dos moldes tradicionais, “objetivos” e “imparciais” do fazer científico. Mas novas formulações teórico-metodológicas necessitam surgir para haja avanço na ciência, em especial em uma área tão vasta e rica de subjetividade, cultura e vida como as humanidades.

Acerca disso, é importante destacar o fato de que novos movimentos metodológicos, principalmente os que rompem ou propõem algo diferente do

² A autoetnografia é um método de pesquisa qualitativa que utiliza dados sobre si mesmo e seu contexto para obter uma compreensão da conectividade entre o eu e os outros dentro de um mesmo contexto. Este método de pesquisa se distingue dos outros de três maneiras: é qualitativo, auto focado e consciente do contexto (Ngunjiri et al., 2010, p. 2, tradução livre).

convencional, muitas vezes são recebidos com críticas e renúncias, tal como foi o caso da etnometodologia, que por alguns foi tida como revolucionária, porém, por outros, como um método trivial e subjetivista. Ademais, é claro que os métodos de pesquisa podem e devem ser mesclados e utilizados de acordo com o objetivo da pesquisa, mas para isso é preciso construir uma base de apoio consolidada sobre o método escolhido e, em se tratando da autoetnografia, este ensaio buscará realizar tal trabalho.

Sendo assim, a justificativa que guia este trabalho parte da necessidade de explorar este método tão pouco conhecido e aplicado nas Ciências Sociais brasileiras, trazendo sua história, potencialidades, dificuldades, principais autores e possíveis formas de utilização. Para isso, este ensaio se divide em três partes principais, para além da presente introdução, é composto por um desenvolvimento e pelas considerações finais, sendo que o desenvolvimento foi dividido em quatro subtópicos: o que é a autoetnografia?; como fazer autoetnografia?; a autoetnografia e a Sociologia; e, por fim, possíveis usos do método autoetnográfico. Assim, me apoiarei em antropólogas(os) como Ellis e Bochner (2000), Chang (2015), Adams (2013), Ngunjiri e Hernandez (2010), que atualmente dedicam seus trabalhos ao fazer científico por meio do método autoetnográfico.

Para além disso, buscarei explorar as potencialidades das formas não-convencionais de escrita acadêmica, me apoiando em pesquisadoras como Gama (2016) e Martins (2023). Atento, também, que devido a minha formação majoritariamente sociológica, tenho certas dificuldades e bloqueios com outras formas de exposição científica, mas que buscarei desconstruir minhas amarras e praticar um “pouquinho” das teorias e métodos que objetivo expor. Também, em relação à escrita, optei por deixar todas as citações em suas línguas originais no corpo do texto com o objetivo de evidenciar a falta de referências sobre o método dentro dos estudos brasileiros.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 O que é a autoetnografia?

“No panteão acadêmico, a razão é predestinada a suplantar a intuição, a expertise a suplantar o senso comum, e as conclusões baseadas nos fatos a suplantarem o que as pessoas conhecem pela experiência comum, ou o que vem da sabedoria de seus antepassados. Há muito tempo a missão da antropologia tem sido virar esse panteão de cabeça para baixo.”

(Tim Ingold)

O termo autoetnografia surge inicialmente em 1975, com o trabalho de campo de Heider, um antropólogo que estudava o povo indonésio Dani e seus costumes. Ao se propor a analisar os próprios relatos e respostas de indivíduos pertencentes ao grupo Dani à certa pergunta central de sua pesquisa – “o que as pessoas fazem?” –, Heider trouxe o termo “*Auto-Ethnography*” para sua teoria. Entretanto, segundo Chang (2015), o prefixo “auto”, para Heider, seria em referência aos interlocutores que estariam respondendo à questão proposta a partir de uma auto-análise/auto-reflexão de seu envolvimento sociocultural. Após este primeiro uso, o termo surge em variados estudos, cada um moldando-o à sua própria maneira, não havendo um consenso quanto à sua utilização, mas sendo empregado sempre para falar sobre uma análise ou um conhecimento que parte do próprio sujeito, seja ele o interlocutor da pesquisa ou o próprio pesquisador.

Sua conceituação começa a se delinear enquanto método científico consolidado principalmente a partir dos trabalhos de Bochner e Ellis (2000), Reed-Danahay (1997) e Chang (2015), nos quais as teorias entram em consenso sobre o uso da autoetnografia como a análise etnográfica de alguma situação vivida pelo próprio pesquisador, sendo ela, assim, um método qualitativo de pesquisa que busca relacionar vivências individuais com o contexto sociocultural em que está inserido. Nesse sentido, a autoetnografia começa a se estruturar como um método excepcional dentro da Ciências Sociais, pois busca evidenciar o caráter íntimo e subjetivo do pesquisador com a pesquisa, transformando, por fim, o autor no próprio sujeito de análise, fugindo da pretensa ideia de neutralidade científica e do esperado distanciamento entre pesquisador e objeto.

Porém, a autoetnografia não será um método pautado apenas na vivência biográfica do eu-autor-pesquisador, pegando emprestado o termo utilizado por Santos (2017). O método, apesar de muitas vezes se basear em memórias e aspectos biográficos, vai muito além dos mesmos, buscando outros dados e referências e analisando etnograficamente um fenômeno individual, de forma com que o aspecto social e cultural fique em evidência, e é isso que o distingue das demais produções memorialistas ou autobiográficas.

Segundo Ellis e Bochner (2000, p.740) a autoetnografia possui três principais aspectos: o auto, focado na perspectiva individual e subjetiva da análise; o etno, relacionado à análise cultural; e, por fim, a grafia, ligada ao processo de pesquisa. Para os autores, tais aspectos possuem pesos diferentes a depender do trabalho e se interrelacionam. Ademais, Chang (2015) atesta que, para haver equilíbrio entre estes e evitar um trabalho apenas sobre auto-reflexão, a pesquisa autoetnográfica deve partir de uma orientação metodológica etnográfica, ser autobiográfica em seu conteúdo analisado e cultural em sua interpretação e compreensão do fenômeno (Chang, 2015, p.208). Ou seja, deve ser um tipo de método etnográfico que parta da análise do subjetivo para a interpretar e compreender socialmente e culturalmente certa experiência.

Desse modo, mesmo entre os métodos qualitativos, a autoetnografia se destaca por sua utilização dos sentimentos, da corporeidade e da subjetivação como partes essenciais ao objeto de análise, que durante muitos anos foram arbitrariamente deixados de lado no meio científico positivista. Para a autoetnografia, a personalidade e a afetividade dentro da escrita são os aspectos que trazem uma maior riqueza à análise do fenômeno observado. Para a antropóloga Reed-Danahay, existem no mínimo três variações do fazer autoetnográfico que seriam

(1) 'native anthropology' produced by native anthropologists from the people group who were formerly studied by outsiders; (2) 'ethnic autobiography' written by members of ethnic minority groups; and (3) 'autobiographical ethnography' in which anthropologists interject personal experience into ethnographic writing (Reed-Danahay, 1997, p. 2).³

³ (1) 'antropologia nativa' produzida por antropólogos nativos do grupo de pessoas que anteriormente foram estudadas por pessoas de fora; (2) 'autobiografia étnica' escrita por membros de grupos étnicos minoritários; e (3) "etnografia autobiográfica", na qual os antropólogos inserem experiências pessoais na escrita etnográfica (Reed-Danahay, 1997, p. 2, tradução livre).

Tendo isso em mente, percebemos que uma das maiores potencialidades deste método de pesquisa é o de exercitar a escuta de narrativas e vivências que, normalmente, são invisibilizadas no meio social e científico. Por meio da autoetnografia, se torna possível analisar criticamente contextos e fenômenos vividos a fim de conectá-los com a vida em sociedade e, muitas vezes, tal pesquisa se constrói enquanto um ato político em favor de algum grupo minoritário, étnico ou situação de injustiça social.

Para além disso, vale a pena analisar o contexto teórico em que surge a autoetnografia, partindo principalmente das ondas filosóficas pós-moderna e pós-estruturalista emergentes no campo das ciências humanas. Tais vertentes começaram a enfim colocar em xeque a herança positivista e funcionalista dentro da área, compreendendo que a régua da objetividade e imparcialidade científica oriunda das ciências naturais e exatas mais limitam que impulsionam as humanidades. Dentro das Ciências Sociais, em especial na Sociologia, esta discussão se delineava desde o início do século XX com o método compreensivo de Max Weber. Entretanto, é a virada ontológica específica dos estudos antropológicos pós-modernos que destaca a necessidade da superação da dicotomia natureza-cultura, na qual podemos citar pesquisadores como Bruno Latour (1994), Tim Ingold (2006), e Donna Haraway (2023).

Bruno Latour, em seu livro “Jamais fomos modernos” (1994), irá apontar para o caráter fictício dos binarismos propostos pelas teorias modernas. Para o autor, dicotomias como natureza-cultura, sujeito-objeto, global-local e humano-inumano sustentam uma forma de purificação científica hierarquizante que não se faz presente na realidade concreta, a qual ele irá argumentar que funciona a partir da proliferação dos híbridos (Latour, 1994). Assim, a base da teoria do ator-rede de Latour se assenta no pressuposto de que a sociedade é formada por redes de interação em constante mudança e formação e o fazer etnográfico deve levar tais relações em consideração, transformando o pesquisador em mediador capaz de notar as especificidades e consequências do próprio relato.

De maneira diferente, mas seguindo uma abordagem crítica com pontos de similaridades com Latour, Tim Ingold (2006) irá propor o conceito de malha para a compreensão das relações constitutivas da vida, buscando também a superação do binarismo natureza-cultura. Segundo o autor, a antropologia deve ser traduzida como o estudo da vida, sendo ela formada por uma gama de linhas imbricadas e em

contínua transformação, formando uma malha social (Ingold, 2006). Nessa perspectiva, o corpo, natural e subjetivo, é também agente e constituidor da cultura, sendo o estabelecimento de suas relações com o outro que formam a constituição da malha social, como explicado pelo autor

Nesta representação, não há dentro nem fora, nem limite que separa os dois domínios. Pelo contrário, há uma trilha de movimento ou crescimento. Cada trilha desse tipo traça uma relação. Mas a relação não está entre uma coisa e outra - entre o organismo 'aqui' e o meio ambiente 'lá'. É um caminho ao longo do qual a vida é vivida: um fio em um tecido de trilhas que juntas formam a textura do mundo da vida. Essa textura é o que quero dizer quando falo de organismos sendo constituídos dentro de um campo relacional. É um campo não de pontos interconectados, mas de linhas entrelaçadas, não uma rede, mas uma malha (Ingold, 2006, p.13).

Assim, apesar de discordar do uso do conceito de rede em Latour, Ingold segue o raciocínio de que o fazer antropológico deve levar em consideração as interrelações sociais, a subjetividade, para a compreensão do todo sociocultural. Desse modo, a observação do pesquisador se torna importante, seu local dentro da pesquisa e dentro da malha da vida importam ao resultado da observação, pois nenhum ser humano é visto como unidade isolada (Ingold, 2006).

Com estes autores podemos perceber que o papel da antropologia como o estudo de outras culturas e sociedades de forma funcionalista, partindo de uma observação imparcial da realidade, já está mais que datada. Também, a antropologia como forma de conhecer e analisar somente sociedades distantes e diferentes da ocidental foi ultrapassada por uma noção mais ampla da área, que, para além disso, leva em consideração os processos de análise e estranhamento do cotidiano, do localizado e do específico, como por exemplo a antropologia urbana e a antropologia do cotidiano. Consequentemente, houve, também, a emergência de antropólogos não ocidentais e descoloniais que, por meio da etnografia, construíram processos teórico-político que questionam o eurocentrismo e evidenciam as pautas, culturas e modos de vida do Sul global. Dentro dessas perspectivas, o fazer antropológico estará ligado às múltiplas interpretações e compreensões de certa realidade que também passam pelo filtro do pesquisador, sua bagagem e vivências próprias.

Nesse aspecto, Donna Haraway, para além da sua contribuição em relação aos saberes localizados, entendendo a pesquisa antropológica como corporificada e parcial, demonstrando seus benefícios, traz também reflexões interessantes acerca

da vida, da história da Terra e da nossa postura frente à realidade. Haraway, em sua teorização sobre o Chthuluceno, argumenta que, frente ao mundo como está e o pessimismo científico, devemos encarar os problemas e pensar em novas soluções possíveis partindo da *respons-habilidade* (Haraway, 2023). Para isso a autora irá afirmar que "as ações dos seres humanos reais e situados importam. Importa com que formas de viver e morrer lançamos nossa sorte, e que outras formas deixamos de lado" (Haraway, 2023, p.113), colocando, desse modo, o foco das mudanças também na perspectiva individual e subjetiva.

A vista de tudo isso, pretendi exemplificar como no campo antropológico a importância do pesquisador, do indivíduo, do autor e da subjetividade vem tomando corpo e se estruturando enquanto parte fundamental da pesquisa científica a alguns anos. Entretanto, o método causou e causa certo movimento de recusa dentre muitos pesquisadores da área, que o qualificam enquanto autobiografia com excesso de subjetivismo, não sendo, assim, um método apropriado à análise científica. Podemos apontar as disputas entre as perspectivas teóricas estruturalistas e pós-estruturalistas como um pilar importante a elaboração de tais críticas, mas a elaboração da autoetnografia como um método fora dos moldes positivistas científicos também traz certo estranhamento e recusa mesmo entre os pesquisadores mais desconstruídos.

Um exemplo de contraponto ao estudo de perspectivas subjetivas e individuais pode ser demonstrado a partir do livro "*Immediacy, or The Style of Too Late Capitalism*" de Anna Kornbluh (2024). A autora, em entrevista à Revista Jacobin, aponta que há certa obsessão com a experiência individual nas produções culturais dos últimos tempos, atestando que tal mudança, inicialmente voltada para a elaboração de conquista de minorias, hoje demonstra "uma hostilidade em relação à abstração e às reivindicações de conhecimento universal." (Kornbluh, 2024). Kornbluh aponta que esse movimento se relaciona com o imediatismo característico do capitalismo tardio, esvaziando os sentidos do coletivo, focando no privado, no egoístico e no fim da mediação (Kornbluh, 2024). Entretanto, apesar de concordar com a análise das produções culturais feita por Kornbluh, não acredito que a crítica possa se estender ao caso da autoetnografia, que busca ser algo além de uma autobiografia, fazendo a intermediação entre o individual e o social por meio da análise etnográfica. É claro que, como dito por Chang (2015), é preciso pesar bem os três principais elementos do método para não cair em uma obra narcísica de autorreflexão, mas, se elaborado com cuidado e esmero, a autoetnografia pode ser um meio

imprescindível ao estudo da sociedade como um todo. Dessa maneira, entendo que o sentido último da autoetnografia é o de fazer uma pesquisa imersiva e sensitiva de um fenômeno sociocultural através de narrativas individuais que se reverberam para além do próprio indivíduo.

Para além disso, como Ellis e Bochner se atentam a demonstrar em seu texto "*Autoethnography, personal narrative, reflexivity – researcher as subject*" (2000), as críticas feitas ao método normalmente surgem de perspectivas ainda muito quantitativas, objetivas e clássicas do pensamento científico, rejeitando os ganhos das teorias pós-modernas e pós-estruturalistas, qualificando a autoetnografia como literatura com excesso de romantismo e autopiedade. Mas, como dito anteriormente, o método autoetnográfico age muitas vezes como ferramenta de empoderamento, denúncia e reflexão sobre determinadas questões da vida que interpelam mais que apenas um indivíduo, mas que, a partir uma narrativa subjetiva, pode alcançar outras pessoas e instigá-las rumo a algum tipo de mudança – seja na compreensão de fenômenos vividos, seja na postura em relação a vida e à diversidade. Em relação a este argumento, Arthur Bochner afirma

Life and narrative are inextricably connected [...] we live within the tensions constituted by our memories of the past and anticipations of the future. Personal narratives, the project of telling a life, is a response to the human problem of authorship, the desire to make sense and preserve coherence over the course of our lives. (Ellis e Bochner, 2000, p.746)⁴

Ou seja, se seguirmos a linha de raciocínio de Ingold (2000) e compreendermos a Antropologia como o estudo da malha da vida, nas suas mais diversas complexidades e diversidades, percebemos que, talvez, evocar sentimentos, subjetividades, histórias e conexões com a realidade seja uma via de riquíssima qualidade e conteúdo para a análise e compreensão desse fenômeno chamado vida.

Com isso, diversos autores irão elaborar e discutir a importância da auto-narrativa no processo de pesquisa científica, gerando formas diferentes de aplicar o método autoetnográfico. Denzin irá afirmar que a vida "es um texto social, una producción narrativa, fictícia."⁵ (2017, p.83) partindo das construções teóricas de Wright Mills,

⁴ Vida e narrativa estão inextricavelmente ligadas [...] vivemos nas tensões constituídas por nossas memórias do passado e antecipações do futuro. As narrativas pessoais, o projeto de contar uma vida, são uma resposta ao problema humano da autoria, ao desejo de dar sentido e preservar a coerência ao longo das nossas vidas (Ellis e Bochner, 2000, tradução livre, p.746).

⁵ Um texto social, uma narrativa, fictícia (Denzim, 2017, tradução livre, p.83).

Sartre e Derrida para compor a sua autoetnografia interpretativa. Dentro da concepção de Denzin (2017), o método partiria da análise interpretativa e compreensiva de um recorte da vida, nomeado por ele de momento de epifania, contextualizando sua história passada e conjecturas para o futuro, compondo, assim, novas interpretações sobre o presente e construindo uma nova versão da história (Denzin, 2017).

Já Arthur Bochner e Carolyn Ellis (2000) irão dar maior enfoque no conteúdo da escrita e no processo de flexibilidade narrativa, buscando evocar sentimentos e trazer o leitor para a realidade descrita, fomentando assim um processo de empatia e aproximação entre o leitor e fenômeno analisado (Ellis e Bochner, 2000). Para isso, o eu-autor-pesquisador deve estar disposto a ser vulnerável em relação a sua escrita, construindo o que Ellis e Bochner vão denominar de narrativa evocativa, que suscita sentimentos e reações nos leitores, agindo, assim, de maneira pedagógica e política (Ellis e Bochner, 2000).

Outras referências são os trabalhos elaborados por Chang, Ngunjiri e Hernandez (2010) a partir da autoetnografia colaborativa. No artigo "*Living autoethnography: connecting Life and Research*" (2010), as autoras buscam demonstrar como o método autoetnográfico funciona e quais foram as especificidades de sua pesquisa em conjunto sobre as experiências em comum com mulheres de cor imigrantes em uma universidade de ensino superior estadunidense. Para isso, as autoras aproveitaram a proximidade física, por frequentarem a mesma universidade, e investiram na pesquisa conjunta em todas as etapas, escrita, análise e síntese, estando, dessa forma, as narrativas individuais interconectadas e análise do fenômeno feita em conjunto (Ngunjiri, et al, 2010). Neste mesmo artigo as autoras apontam outros modelos do método autoetnográfico, tal como a *duoetnografia* de Norris e Sawyer (2004) e a *etnografia comunitária* de Toyasaki (2009), demonstrando, assim, como a autoetnografia pode se desdobrar em diferentes maneiras e como cada uma irá trazer especificidades à situação – chamada de momento de epifania por Denzin – analisada.

Portanto, podemos notar que existem múltiplas formas de aplicar o método e a escolha irá depender de diferentes fatores como o problema de pesquisa levantado, o tempo para a elaboração do trabalho etc., sendo a principal motivação para a escolha do método a tentativa de compreender fenômenos sociais que são compartilhados através de vivências individuais. Desse modo, Chang (2015) resume a função da autoetnografia da seguinte maneira

Like ethnographers, autoethnographers are expected to treat their autobiographical data with critical, analytical, and interpretive eyes to detect cultural undertones of what is recalled, observed, and told of them. At the end of a thorough self-examination within its cultural context, autoethnographers hope to gain a cultural understanding of self and others. Autobiographical narratives will add live details to this principled understanding, but narration should not dominate autoethnography (Chang, 2015, p.209).⁶

Portanto, podemos notar que, apesar de a auto-narrativa ser parte importante da autoetnografia, ela não pode ser resumida a somente isso. As análises socioculturais que a narrativa irá suscitar são o foco principal da pesquisa, que busca, através de uma escrita mais sensível e subjetiva, avançar na compreensão de acontecimentos sociais, se apoiando a uma forma literária normalmente fora dos padrões acadêmicos com o objetivo de despertar o interesse e a empatia do público leitor para o fato ou a causa exposta na pesquisa. Entretanto, mesmo a narrativa não sendo o ponto principal da pesquisa, o método ainda requer muita auto-observação e momentos de introspecção a fim de saber operacionalizar com o subjetivo e o coletivo de maneira que agregue e formule uma pesquisa coesa, com coleta de dados e apoio teórico-bibliográfico.

2.2 Como fazer autoetnografia?

"[...] quando se está em um tal lugar, é-se bombardeado por intensidades específicas (chamemo-las de afetos), que geralmente não são significáveis. Esse lugar e as intensidades que lhe são ligadas têm então que ser experimentados: é a única maneira de aproximá-los."

(Favret-Saada)

Como disse na introdução, este trabalho de conclusão de curso foi inicialmente idealizado como uma autoetnografia baseada nos estudos de gênero, pensando em tentar responder à questão "E sou eu uma mulher?". Este tema surgiu a partir da

⁶ Tal como os etnógrafos, espera-se que os autoetnógrafos tratem os seus dados autobiográficos com olhos críticos, analíticos e interpretativos para detectar nuances culturais do que é recordado, observado e contado sobre eles. No final de uma autoanálise completa dentro do seu contexto cultural, os autoetnógrafos esperam obter uma compreensão cultural de si mesmos e dos outros. As narrativas autobiográficas acrescentarão detalhes vivos a esta compreensão baseada em princípios, mas a narração não deve dominar a autoetnografia (Chang, 2015, p.209, tradução livre).

minha própria jornada de autoconhecimento, compreensão e (des)adequação de gênero e sexualidade, e pensei que, a partir da autoetnografia, poderia expor essas descobertas e embasá-las teoricamente, buscando com isso dar luz ao processo de subjetivação do indivíduo e destacar a potencialidade da escrita e análise de si mesmo para a compreensão de um fenômeno socialmente construído e mantido tal como é o gênero.

Entretanto, além do pouco tempo disponível para realizar tal pesquisa, também me deparei com dificuldades com a escrita autoetnográfica. O método exige que eu, enquanto eu-autora-pesquisadora, entre em uma relação de análise e reflexividade comigo mesma, minha história e contextos que se relacionam ao fenômeno de análise escolhido, então, no meu caso, analisar reflexivamente o meu processo de subjetivação e construção de gênero e, logo, de identidade. Assim, o trabalho de análise a partir deste método é extremamente íntimo e vai ao encontro com diversos aspectos da minha constituição enquanto sujeito generificado, exigindo também um nível de auto-exposição e autoanálise que acredito que ainda não estava pronta para sustentar.

Sendo assim, me encontrei com muita dificuldade em desenvolver a escrita do trabalho, apesar de todas as minhas leituras e referências tanto em relação ao método quanto aos estudos de gênero. Pensando na minha socialização enquanto mulher e questionando essa minha posição social, adentrei em lugares de desconforto e ansiedade em relação a mim mesma e a minha história, complicando a elaboração do trabalho. E esta é uma das características e dificuldades da pesquisa autoetnográfica, estar pronta e disposta a analisar certas questões que podem não ser confortáveis de lidar e expor tudo isso, a sua vulnerabilidade, para seus pares.

Desse modo, com muita dificuldade de seguir com a minha pesquisa, mas ainda admirada pelo método, decidi seguir por um caminho diferente, caminho este mais plausível dentro dos meus prazos e que me possibilite prosseguir com o meu interesse e encanto em relação a autoetnografia. Percebendo que os trabalhos que tratam sobre o método autoetnográfico em sua maioria são produzidos em idiomas estrangeiros, senti a necessidade de discorrer mais sobre o tema, criando uma pequena base e reflexão sobre a autoetnografia, e, assim, este ensaio nasceu.

Para além disso, me senti instigada a defender o método, visto que me deparei com fortes críticas sobre meu objeto de estudo ao longo da graduação, desqualificando, deslegitimando e esvaziando o sentido da autoetnografia. Tais

críticas surgem de lugares muito específicos dentro da Ciências Sociais, que, normalmente, valorizam a ciência a partir de seu valor quantitativo, na replicabilidade do conteúdo final, nos chamados resultados da pesquisa, ignorando o fato de que a ciência é um artefato humano, carregado de subjetividade, parcialidade, sentimentos e posicionamentos. Tal como apontava Mills (1982), a pesquisa social deve ser compreendida como um artesanato cultural, que se compõe a partir de uma habilidade técnica, imaginação sociológica e sensibilidade moral, sendo, assim, um processo criativo de construção de saberes. Ou seja, o fazer científico é um processo amplo que, invariavelmente, contém sempre um pouco do pesquisador em si, seja essa presença explícita ou não.

Dessa forma, posso afirmar com tranquilidade que sei de onde partem minhas vontades e que, tal qual os estudos de gênero inicialmente e os métodos alternativos do fazer etnográfico atualmente, este ensaio busca adotar uma postura subversiva dentro da academia, buscando, com sorte, apontar novos caminhos para o fazer científico. Sobre esta realização subversiva, Adams, Jones e Ellis (2013) apontam que existem algumas formas de escrita peculiares à autoetnografia, sendo elas

- (1) imaginativo-criativa: representa o tipo mais inovador e experimental, publicações neste estilo têm incorporado poesia e diálogos performativos baseados na autobiografia dos pesquisadores;
- (2) confessional-emotiva: diferente da escrita convencional e científica, esta abordagem busca expor detalhes que provocam reações emocionais nos leitores;
- (3) realista-descritiva: este estilo busca descrever a experiência do pesquisador por meio de uma narrativa, integrando detalhes que auxiliam o leitor a reconstruir em suas mentes a realidade descrita;
- (4) analítico-interpretativa: é uma abordagem acadêmica típica comum na pesquisa em ciências sociais, que tende a suportar a análise e a interpretação sociocultural (Adams, Ellis e Jones, 2013).

Portanto, o eu-autor-pesquisador pode adotar uma ou mais formas de escrita dentro do método autoetnográfico, tendo os estudiosos mais facilidade com umas do que com outras. No meu caso em específico, por conta da minha formação majoritariamente sociológica, me sinto mais confortável escrevendo a partir de uma linha analítico-interpretativa, mas busquei no início deste tópico adentrar um pouco na realista-descritiva também. Como disse anteriormente, alguns conteúdos de escrita podem tocar sentimentos ou memórias que não são de fácil acesso ao autor, tornando o processo de análise complexo e, muitas vezes, dolorido. Algumas pessoas encontram na autoetnografia uma forma de cura pela escrita, à lá o processo de

catarse freudiano, como pode ser exemplificado pelo estudo sobre o luto de Carolyn Ellis.

A antropóloga Ellis, muito já citada neste ensaio, começou seu caminho na autoetnografia a partir de uma escrita extremamente delicada e dolorida sobre o seu luto em relação a morte inesperada de seu irmão em um acidente de avião, partindo de uma base teórica da sociologia das emoções e da etnografia experimental. A partir da escrita de seu artigo "*There are survivors: telling a story of sudden death*" (1993), Ellis buscou dar voz a certas experiências emocionais e fazer com que o leitor consiga experimentar sua narrativa por meio de uma leitura empática. Discorrendo sobre sua relação com a família antes e depois da morte de seu irmão, Ellis consegue descrever com maestria a experiência do luto e a continuidade da vida, fazendo com que nós, leitores, experienciemos sua angústia e processo de cura. Com isso, a autora argumenta que algumas experiências humanas só podem ser compreendidas quando os sentimentos são parte integrante do processo de pesquisa, incorporando, dessa forma, as emoções e as experiências subjetivas como formas de saber (Ellis, 1993).

Com este trabalho, Ellis buscou elaborar uma análise do processo de luto e da vida que se segue após a morte de um ente querido, retratando de forma singular um acontecimento frequente na vida das pessoas. A autora também argumenta que as Ciências Sociais costumam focar em grandes acontecimentos, em sua maioria mazelas sociais em busca de soluções para o sistema cruel em que vivemos. Porém, mesmo que a partir dessas metanarrativas seja possível construir novas formas de análise dos diferentes esquemas socioculturais, as pessoas que fazem parte deles, que sentem, se relacionam e vivem, não possuem suas perspectivas exploradas ou levadas em consideração dentro do meio científico. Ou seja, a macro análise leva vantagem sobre a compreensão e a interpretação minuciosa e subjetiva da própria construção das relações vividas pelas pessoas estudadas que, dentro do campo científico, muitas vezes passam do status de pessoa para o de **dado**.

Dessa forma, faço um paralelo com o trabalho de Eduardo Coutinho que, em uma entrevista sobre seu trabalho no cinema documentário brasileiro, afirma que suas obras se baseiam em conversas, não entrevistas, e que ele sempre busca deixar a pessoa falar dentro de suas próprias perspectivas e vidas, tentando não assumir como certo indivíduo se sente dada a realidade em que se encontra (Frochtengarten, 2010). Assim, não supondo e construindo uma conversa aberta e feita a partir de trocas, o cineasta consegue alcançar o que ele chama de "presente verdadeiro", um retrato

daquele indivíduo, uma pequena amostra de sua vida, seus sentimentos e valores e, apesar das obras de Coutinho não serem classificadas como acadêmicas, suas contribuições se reverberam na área. Portanto, assim como o trabalho de Eduardo Coutinho, a autoetnografia busca ir além da tipificação dos indivíduos, adentrando no campo das sutilezas e da emoção, construindo uma relação de empatia com o público que, ao fim, gera certo tipo de reflexão.

Sendo assim, para que esse objetivo seja alcançado, muitos trabalhos autoetnográficos trazem outros tipos de elementos à escrita acadêmica, como pode ser evidenciado pela fala de Clandinin e Connelly

The techniques of data collection include, but are not limited to, (1) using visual tools such as free drawings of significant places, 'kingsgrams,'¹ and 'culturegrams'²; (2) inventorying people, artifacts, familial and societal values and proverbs, mentors, cross-cultural experiences, and favorite/disliked activities; (3) chronicling the autoethnographer's educational history, typical day and week, and annual life cycle; (4) reading and responding to other autoethnographies and self-narratives; and (5) collecting other field texts such as stories of others, 'storied poems,' personal journals, field notes, letters, conversation, interviews with significant others, family stories, documents, photographs, memory boxes, personal-family-social artifacts, and life experiences⁷ (Clandinin & Connelly, 2000, p. 101 apud Chang, 2015, p.210).⁸

Isto posto, o uso da memória e da auto-narrativa são ferramentas importantes ao método, mas não as únicas, sendo que o uso de outros tipos de artifícios auxilia na apreensão do conteúdo analisado e, muitas vezes, certos tópicos, emoções ou acontecimentos extrapolam os limites da escrita acadêmica. Dentro do campo antropológico podemos perceber que a utilização de diferentes formas de exposição do conteúdo estudado já é usual e incentivada, como é possível notar nos trabalhos de Gama (2016), Kuschnir (2014) e Martins (2022).

⁷ As técnicas de coleta de dados incluem, entre outras, (1) a utilização de ferramentas visuais, tais como desenhos livres de locais significativos, 'kingsgrams' e 'culturegrams'; (2) trabalho de levantamento de pessoas, artefatos, valores e provérbios familiares e sociais, mentores, experiências interculturais e atividades favoritas/não apreciadas; (3) narrar a história educacional do autoetnógrafo, dia e semana típicos e ciclo de vida anual; (4) ler e responder a outras autoetnografias e narrativas próprias; e (5) coletar outros textos de campo, como histórias de outras pessoas, 'poemas narrados', diários pessoais, notas de campo, cartas, conversas, entrevistas com outras pessoas significativas, histórias de família, documentos, fotografias, caixas de memória, artefatos pessoais-familiares-sociais e experiências de vida (Clandinin & Connelly, 2000, p. 101 apud Chang, 2010, p.210, tradução livre).

⁸ Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. *Narrative inquiry: Experience and story in qualitative research*. São Francisco, CA: Jossey-Bass, 2000.

Fabiene Gama utiliza de sua formação como antropóloga e fotógrafa para demonstrar como as “[...] imagens, cheiros, sons, texturas, gostos, palavras e qualquer outro aspecto da cultura e da sociedade são elementos intrínsecos à etnografia, elementos relevantes para a maneira como apreendemos o mundo” (2016, p.117). Ou seja, pensando a antropologia como o estudo do homem e de seus processos de formação, as formas com que são construídas e estabelecidas relações e subjetividades possuem um papel importante dentro da análise, e, ao conseguir delinear uma pesquisa que traga tais elementos de forma a explorar ainda mais as potencialidades humanas, creio que o trabalho se torna mais completo em relação à etnografia. Dessa forma, Gama propõe, no campo da Antropologia Visual, uma virada holística e inventiva nos modos de fazer pesquisa, com o objetivo de produzir e expor conhecimentos de maneira interdisciplinar e criativa (Gama, 2016).

De maneira semelhante, Elisa Kuschir (2014) aponta o desenho como ferramenta do fazer etnográfico, afirmando que por meio de desenhos do campo estudado é possível compreendê-lo de maneira diferente do que somente observando e anotando. É claro que a observação e a escrita nos cadernos de campo não se tornam obsoletas neste caso, mas, sim, o desenho surge como uma técnica complementar à análise, como uma nova forma de apreensão da realidade estudada. Em seu artigo “Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa” (2014), a autora demonstra empiricamente que qualquer pessoa pode aprender a desenhar e usar tal técnica a seu favor dentro do processo etnográfico, instigando a criatividade ao explorar novos modos de construção e elaboração da realidade observada.

Também em relação à outras formas de compreensão e exposição do conhecimento, a professora e antropóloga Valéria de Paula Martins iniciou um projeto de extensão que foca na construção de oficinas antropológicas com crianças por meio de brincadeiras, dinâmicas, desenhos, livros e filmes com o objetivo de auxiliar no processo de ensino-aprendizagem e na sensibilização para a diferença (Martins *et al.*, 2022). Assim, os participantes do projeto notaram que as crianças conseguiam compreender o conhecimento antropológico se este fosse apresentado de maneira lúdica, interativa e via um processo de construção mútua de aprendizagem, gerando frutos e reforçando a alteridade entre a juventude.

Portanto, o estudo dos processos humanos perpassa muito mais que apenas a escrita acadêmica e, ousado dizer, necessita de outras formas de elaboração e compartilhamento, estendendo o conhecimento para toda a população via diferentes

modos. E, sabendo disso, notamos como tais ferramentas – desenho, fotografia, sons, cheiros e texturas – podem, em muito, auxiliar no processo da autoetnografia à medida em que trazem outras sensações, emoções, pontos de vista e modos de se relacionar com a realidade vivida. Ademais, por meio de tais técnicas o público leitor pode ser capaz de se encontrar e refletir ainda mais com a leitura, que se torna imersiva em vários sentidos.

À vista disso, podemos notar que o fazer autoetnográfico pode perpassar por diversas formas e trilhar caminhos diferentes dos convencionais, estando à mercê da escolha de técnicas e ferramentas disponíveis ao pesquisador. O ponto principal que deve guiar o método sempre será a preocupação e o cuidado em balancear suas três bases – biográfica, etnográfica e analítica – buscando articular sempre a relação do fenômeno analisado com a realidade sociocultural mais abrangente, de forma a instigar reflexões sobre a vida e a humanidade de maneira criativa e interdisciplinar.

2.3 A autoetnografia e a Sociologia

“Não existe qualquer análise científica puramente “objetiva” da vida cultural, ou [...] dos “fenômenos sociais”, que seja independente de determinadas perspectivas especiais e parciais, graças às quais estas manifestações possam ser, explícita ou implicitamente, consciente ou inconscientemente, selecionadas, analisadas e organizadas na exposição, enquanto objeto de pesquisa.”

(Weber)

Dito tudo isso, creio que o método autoetnográfico pode ser valioso não só para os trabalhos antropológicos, mas para as ciências humanas e sociais como um todo, trazendo a análise da vida em sua completude para dentro do campo científico e, com isso, aproximando a população dos estudos sobre as humanidades por meio de um estilo literário que fomente empatia, curiosidade e reflexão. Tendo uma formação muito mais voltada para a área da sociologia, possuo minhas referências para análise sempre inclinadas para seus autores e teorias, entretanto creio que o método autoetnográfico, apesar de característico da antropologia, assim como o tradicional método etnográfico, pode ser utilizado também em pesquisas sociológicas. Para isso, trarei aqui alguns exemplos da aproximação de teorias sociológicas com a análise interpretativa e compreensiva do microssocial, buscando, assim, evidenciar que

mesmo tal campo característico por suas metanarrativas e teorias estruturais pode se beneficiar com o método autoetnográfico.

Gabriel Peters (2011), em sua síntese sobre a teoria de estruturação de Giddens, aponta a habilidade do sociólogo em elaborar tal concepção a partir de uma base teórica que abrange diversos autores e perspectivas, ao que Peters nomeia de "ecletismo metodologicamente disciplinado e criativamente orientado". Dessa forma, segundo o autor, Giddens construiu suas elaborações teóricas partindo de diversas fontes e convergindo informações importantes de maneira disciplinada e criativa, expandindo a análise sociológica para além dos extremos macro e micro que reinavam até então no campo das Ciências Sociais (Peters, 2011). Nessa perspectiva, para Giddens, tanto o sujeito possui agência quanto a estrutura possui influência dentro da dinâmica social, um cria e sustenta a existência do outro e vice-versa, formando uma dinâmica de produção e reprodução codependente que direcionaria a sociedade ora em direção à mudança ora à permanência.

Paralelamente, Norbert Elias (1994) apresenta sua sociologia configuracional apontando a interdependência existencial entre indivíduo e sociedade, para o autor um não possui a capacidade de existir sem o outro. Assim, afirma que a "sociedade dos indivíduos" se estabelece e se molda a partir de diversas teias, tecidos ou redes de relações e interações sociais, relações estas que o autor denomina de configurações sociais, e que se mantêm a partir de um *continuum* histórico-social de mudança ou conservação (Elias, 1994). Seguindo essas correlações, o indivíduo só se constitui como tal a partir da configuração social que reina na sociedade a que pertence, sendo sua individualidade o reflexo das relações em que está inserido (Elias, 1994). Sendo assim, para analisar a sociedade em sua totalidade se faz necessário olhar para as experiências individuais e vice-versa⁹.

Outro importante autor que contribui para esta temática é Bernard Lahire (2005) em sua proposta de uma *sociologia em escala individual*, a partir da qual propõe analisar as bases da sociedade, isto é, indivíduos e suas relações em diferentes contextos. Para ele, o indivíduo é plural e multifacetado e a análise sociológica deveria se ater às suas heterogeneidades, não pensando ser possível assimilar toda a

⁹ Vale a pena ressaltar também os conceitos de "Psicogênese" – processo de estrutura psíquica do indivíduo – e "Sociogênese" – processo de estrutura social – cunhados por Elias (1994), que os definiu enquanto processos entrelaçados e que ocorrem em conjunto. Toda sua teoria sociológica configuracional da "sociedade dos indivíduos" vai partir desta afirmação.

complexidade de sua personalidade e reduzi-lo à uma partícula coerente, mas, sim, levando em consideração suas diversas facetas. (Lahire, 2005, p.31). Portanto, o autor irá afirmar que o “[...] o singular é necessariamente plural” (Lahire, 2005, p.10) e, dessa forma, o indivíduo, na forma de ator-plural, incorpora, produz e reproduz o social a partir de suas relações (Lahire, 2005).

Para além disso, Lahire, ao ser questionado sobre sua *sociologia em escala individual*, apesar de afirmar que a análise de um único sujeito não permite generalizar todo um contexto de determinada época, aponta que

“Acredito que se pode compreender melhor certos fenômenos macrosociológicos, observando de perto o comportamento de indivíduos [...] Trabalhar em um caso particular pode **oportunizar** um trabalho sobre todo um contexto social”. (Lahire, *apud* Rosenfield et al., 2015: p. 293-294, grifo meu).

Ou seja, para o autor, o estudo de casos individuais fazem, sim, parte da análise sociológica visto que, a partir de seu contexto, podem auxiliar na compreensão de fenômenos socialmente elaborados. Dessa forma, o sujeito é parte constituinte do social e o estudo particular se faz necessário, sendo o social também parte importante à compreensão do indivíduo.

Com estas teorias busco demonstrar que a tentativa de somar a análise micro com a macro de forma a superar a polaridade teórica e compreender o indivíduo e a sociedade enquanto aspectos correlacionados e interdependentes já faz parte do arcabouço teórico-metodológico das Ciências Sociais a certo tempo, se desdobrando em novas dimensões e aprofundando cada vez mais o campo de estudos. Outro autor que também vale a pena ser destacado dentro deste movimento teórico contemporâneo é o antropólogo francês Bruno Latour (2013) e seu conceito do ator-rede, em que ele aponta como o objeto de estudo é sempre formado por uma rede de atributos que o compõem, sendo o ator – objeto central da análise – a própria rede e a rede, o ator.

Dentro destes exemplos elencados, aponto para a crescente necessidade de se analisar o indivíduo e a sociedade não como opostos, mas, sim, como imbricados em uma só relação. Se o indivíduo, em sua totalidade, constrói e é construído por e através da sociedade, como afirmam Giddens, Elias, Lahire e Latour, cada um a seu modo, então a análise do sujeito se torna também central aos objetivos das Ciências Sociais como um todo – Sociologia, Antropologia e Ciência Política –. A experiência

individual, portanto, pode servir de ferramenta para a compreensão do funcionamento coletivo e vice-versa, auxiliando nas análises sociológicas acerca do comportamento social, nos estudos antropológicos sobre o funcionamento e a relação humana e na área da ciência política para saber como, exatamente, o agenciamento social pode se delinear através de reivindicações e construções de direitos civis.

2.4 Possíveis usos do método autoetnográfico

*“Quando nós falamos tagarelado
E escrevemos mal ortografado
Quando nós cantamos desafinado
E dançamos descompassado
Quando nós pintamos borrando
E desenhamos enviesado
Não é por que estamos errando
É porque não fomos colonizados”.*

(Antônio “Nêgo” Bispo)

A fim de exemplificar minha proposição, trago neste tópico algumas exemplificações de como o método autoetnográfico pode ser utilizado dentro do campo sociológico, em especial em relação aos estudos de gênero e às epistemologias do Sul.

Para compreender como utilizar o método a partir de uma epistemologia descolonial, primeiramente é preciso delinear o que a ciência hoje, em especial a sociologia, compreende por este termo. As discussões acerca do Sul e Norte Global e a necessidade de se criar uma matriz de conhecimento que se baseie no Sul e pelo Sul surge inicialmente com os trabalhos de Boaventura de Souza Santos, sociólogo português, e segue atualmente em ascensão no meio dos estudos sociais. Tal episteme irá partir da noção de que no mundo existem países que exploram e excluem outros, por meio de um sistema de imperialismo econômico, político e cultural que se constitui historicamente, denominados Norte Global, e os países que são explorados, lidando com desigualdades históricas e submissões em todas os âmbitos, especialmente o científico, chamado de Sul Global (Meneses, 2008).

Dessa maneira, a ciência, a cultura, a política e a economia ocidentais acabam sempre sendo baseadas e medidas por meio dos ideais europeus, brancos, heterossexuais e cristãos, compondo, assim, uma estrutura de poder global que

decide o que é válido ou não cientificamente. Percebendo a emergência do fazer científico voltado para a real vivência, cultural, política e econômica desses países explorados, a iniciativa das epistemologias do Sul surge inicialmente com o objetivo de denunciar como

As disciplinas acadêmicas representam uma divisão de saberes, uma estrutura organizativa que procura tornar gerível, compreensível e ordenado o campo do saber, ao mesmo tempo que o disciplina, endossando e justificando desigualdades entre saberes e criando outras formas de opressão, que perpetuam a divisão abissal da realidade social; o que não está conforme o definido pela racionalidade moderna volatiliza-se e desaparece. Este desaparecimento ou subalternização de outros saberes e interpretações do mundo significa, de facto, que **estes saberes e experiências não são considerados formas compreensíveis ou relevantes de ser e estar no mundo; sendo estas epistemologias “outras” declaradas não existentes, ou descritas como reminiscências do passado, condenadas a um esquecimento inevitável** (Meneses, 2008. p.6, grifo meu).

Dessa maneira, após feita a crítica e a denúncia da forma hierarquizante e unilateral com que a ciência foi e continua sendo majoritariamente construída e mantida, as epistemologias do Sul surgem com o objetivo de estabelecer novos parâmetros e novas formas de conhecimento e saberes válidos dentro da academia, fugindo dos conhecimentos normativos e construindo outras maneiras de se compreender o mundo. E, dada a existência de diferentes lógicas e formas de estruturação do saber e do conhecimento, a proposta descolonial surge a partir da junção de diversas epistemologias que se agregam mutualmente, de forma a fazer avançar a ciência e a cultura global (Meneses, 2008).

Dito isso, qual melhor maneira de expressar determinada realidade, conjunto de saberes e constituição sociocultural do que por meio da narrativa? Os estudos abolicionistas e feministas trilham este caminho já a certo tempo, construindo maior visibilidade para suas causas além de escancarar certos tipos de desigualdades historicamente construídas.

Pensando sobre o método autoetnográfico, podemos notar uma possível aproximação com as epistemologias do sul a partir da narrativa da própria realidade vivida pelo pesquisador, como é o caso, no Brasil, de muitos pesquisadores indígenas, quilombolas, negros e queer, que, a partir das suas próprias histórias e vivências, trazem reflexões, vivências e conhecimentos que perpassam toda uma coletividade. Por conseguinte, temos, para ilustrar, os trabalhos de Leila Gonzalez, Davi Kopenawa, Antônio Bispo dos Santos e Conceição Evaristo, todos pensadores essenciais para a

elaboração dos estudos sociais brasileiros, com perspectivas decoloniais e que, de uma forma ou de outra, tocam e influenciam o público leitor a partir da potência da sua escrita.

Me demorando mais em Conceição Evaristo, acredito ser pertinente trazer sua conceituação sobre escrevivência, método de escrita que a autora vem utilizando e que está crescendo dentro do campo de estudos feminista-negro e decoloniais. Evaristo define o conceito como a escrita realizada por meio de um processo corporificado, localizado, histórico e social, no qual as mulheres negras se apropriam da sua voz e ancestralidade a fim de, por meio de narrativas individuais, escancarar uma realidade coletiva. O termo se refere à junção de duas palavras: escrever e vivência; escrever sobre a vida, com a vida, para a vida. Evaristo também afirma que

tenho tido a percepção que, mesmo partindo de uma experiência tão específica, a de uma afro-brasilidade, consigo compor um discurso literário que abarca um sentido de universalidade humana. Percebo, ainda, que experiências específicas convocam as mais diferenciadas pessoas (Evaristo, 2020, p.31).

Expondo, assim, o caráter coletivo e sensível de sua obra, muito aproximado do objetivo central do método autoetnográfico.

Dessa forma, creio que a autoetnografia seja um método que muito pode contribuir dentro das epistemologias do sul, principalmente a partir do incentivo da fala em primeira pessoa, da exposição do subjetivo que se reverbera no social e do vínculo com outras formas de exposição do saber tal como a fotografia, o desenho e a oralidade.

Outro campo que pode se beneficiar a partir do uso do método seria os estudos de gênero, em especial a vertente queer. Como dito inicialmente, este trabalho foi inicialmente idealizado como uma autoetnografia sobre gênero e eu ainda acredito que possa ser um ótimo caminho para conseguir analisar e desvendar as minúcias de um processo de construção de subjetividade tão particular e, de alguma forma, tão geral. Além disso, a relação entre a teoria feminista e os estudos de gênero com a teoria antropológica, apesar de possuírem uma história um tanto quanto conturbada, hoje algumas vertentes demonstram bem a potencialidade de sua união.

Autoras como Marilyn Strathern, Judith Butler e Donna Haraway elaboram teorias de cunho construcionista, apontando como o gênero não é uma característica inata do ser humano e, sim, elaborado e construído socialmente. Dessa forma, seguindo

tais vertentes, existem diversas outras configurações de identidade de gênero que não se limitam ao binarismo homem e mulher e contestam, também, as demais dualidades estruturais da ciência europeia. Em relação a isso, Paul B. Preciado, filósofo espanhol e teórico queer afirma

Se os discursos das ciências naturais e das ciências humanas continuam carregados de retóricas dualistas cartesianas (corpo/espírito, natureza/tecnologia), enquanto os sistemas biológicos e de comunicação provaram funcionar com lógicas que escapam a tal metafísica da matéria, é porque esses binarismos reforçam a estigmatização política de determinados grupos (os animais, as mulheres, os não brancos, pessoas queer, os corpos trans e intersexo, as pessoas com deficiência, os doentes mentais, etc.) e permitem que eles sejam sistematicamente impedidos de acessar as tecnologias textuais, discursivas, corporais etc. que os produzem e os objetivam (Preciado, 2022, p.168).

Para além disso, temos trabalhos como o da autora nigeriana Oyèrónkẹ Oyěwùmí (2021) que descreve, a partir de uma análise etnográfica, como o processo de generificação dos povos iorubá se deu a partir da interferência colonial ocidental e da mudança da tradição oral para a escrita. Assim, dentro dessa perspectiva, o binarismo de gênero, para além de ser uma construção social, também faz parte de um processo de expansão imperialista e etnocêntrica.

Desse modo, a escrita de Oyěwùmí denuncia uma realidade que é tomada como natural e inerente do ser humano, construindo, assim, uma narrativa subversiva e de cunho político, que, apesar de não ser uma pesquisa autoetnográfica, traz consigo aspectos subjetivos da vivência da autora enquanto mulher acadêmica nigeriana cercada por teorias e pontos de vista ocidentais. De uma outra maneira, um pouco mais próxima do estilo autoetnográfico, temos o trabalho literário da compositora e escritora Carolina Maria de Jesus que, principalmente por meio de seu livro mais famoso "Quarto de despejo: diário de uma favelada" (2014), expôs sua vivência enquanto mulher negra e moradora de uma favela em São Paulo, fomentando diversas discussões e se tornando importante referencial em estudos culturais e sociais no Brasil e no mundo. A escrita brutalmente realista de Carolina Maria de Jesus suscita diversas emoções ao leitor, escancarando a realidade da periferia e criando uma narrativa de denúncia.

Portanto, é possível notar diversas aproximações entre os estudos de gênero, as epistemologias do Sul e os preceitos do método autoetnográfico, como a localidade da fala, a proposta de expor narrativas subjetivas que se reverberam na coletividade,

a negação aos binarismos da ciência tradicional conservadora e o teor político que carregam. Assim, pensando na autoetnografia como um método mais sensível e imersivo, penso que ele também pode ser usado para a melhor compreensão destes processos individuais de estruturação e identificação de gênero, a medida em que compartilham o olhar de estranhamento para o ordinário. Por fim, destaco que o método autoetnográfico possui afinidade para com epistemologias, teorias e hipótese que fogem da arcada tradicional científica, que buscam romper com a padronização das produções acadêmicas e, com isso, elaborar novas maneiras de interpretar e compreender o mundo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

"Eis aqui o antagonismo entre os campos particulares da ciência e a filosofia. Esta pretende, como a arte, dar à vida e à ação a maior profundidade e significação possível; nos primeiros se procura conhecimento e nada mais."

(Nietzsche)

Bom, concluo este breve ensaio ressaltando que o objetivo central do trabalho não é o de esgotar o método, suas ferramentas e aplicabilidade, mas, sim, o de trazer à tona a discussão e relacioná-lo com outros autores da antropologia e sociologia, esperando, talvez, incentivar seu uso e o da sensibilidade no olhar e no fazer científico. Não há, dentro do método autoetnográfico, um manual com o passo-a-passo de como realizá-lo, visto que irá prezar pela subjetividade e peculiaridade que advém de cada pesquisador e de cada fenômeno analisado, podendo se utilizar de diferentes ferramentas e técnicas, sendo possível também mesclá-lo a teorias outras além da antropológica. Dessa forma, a autoetnografia surge no campo científico como um método versátil e que parte de certa interdisciplinaridade criativa e disciplinada, buscando apreender elementos da realidade que extrapolam o conservadorismo da escrita acadêmica positivista.

Isto posto, o método irá seguir linhas epistemológicas e ontológicas que fogem dos binarismos do fazer científico tradicional, seguindo a afirmação de Gama que "campo e escrita, forma e conteúdo, razão e emoção estão sempre misturadas, não podendo ser apartadas para análise." (2016, p117). Ou seja, a autoetnografia, tal

como as vertentes pós-estruturalistas e as epistemologias do Sul, se estrutura enquanto método voltado para uma nova forma do fazer científico, ultrapassando as barreiras da ciência tradicional conservadora e construindo outros caminhos. Além disso, da mesma maneira com que Giddens, Lahire, Elias e Latour buscaram superar a dicotomia indivíduo/sociedade a partir de perspectivas sociológicas, cada um a seu modo, o método autoetnográfico também irá trilhar esse caminho à medida que busca demonstrar como ambos são imbricados, se constituindo mutuamente em uma relação contínua de formação e transformação. Sobre isso, Chang afirma "*autoethnographic data analysis and interpretation involves moving back and forth between self and others, zooming in and out of the personal and social realm, and submerging in and emerging out of data.*"¹⁰ (2015, p.212), demonstrando, assim, o caráter múltiplo da análise pelo método, que preza por esse movimento entre o Eu e o Outro, etnograficamente interpretado e que pode ser usado como base para diferentes pesquisas em áreas diversas.

Portanto, a autoetnografia surge com o objetivo de tornar a ciência mais humana e empática, para que gere reflexão dentro e, principalmente, fora da comunidade acadêmica e que traga frutos via a exposição e a relação com a alteridade. Gerando, assim, um estudo sobre as relações, talvez até mesmo filosófico, que irá de encontro com a perspectiva de Ingold acerca do fluxo contínuo de formação da malha da vida, que "[...] em suma, **é um movimento** de abertura, não de encerramento. Como tal, deve estar no cerne da preocupação antropológica." (2022, p. 26, grifo meu).

Enfatizo, por fim, que a vida humana é formada por uma infinidade de facetas que não podem – e não devem! – ser resumidas por meio de uma lógica normativa científica, sendo necessárias outras formas de compreensão e interpretação do mundo que visem demonstrar e celebrar a vida como ela é: múltipla, sensível, estranha, caricata, peculiar, sublime e emotiva.

¹⁰ A análise e interpretação dos dados autoetnográficos envolve realizar o movimento de ir para frente e para trás entre o sujeito e os outros, se aproximando e se afastando do domínio pessoal e do social e submergindo e emergindo dos dados. (Chang, 2015, p.212, tradução livre).

4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADAMS, T. E; ELIAS, C; JONES, S.H. Handbook of Autoethnography. Walnut Creek: Routledge. 2013. Resenha de: BARROS, N. F; MOTTA, P. M. R. **Autoetnografia. Cadernos de Saúde Pública**, v. 31, p. 1339-1340, 2015.

BOCHNER, P. Arthur; ELLIS, Carolyn. Autoethnography, Personal Narrative, Reflexivity: Researcher as Subject. In: DENZIN, K. Norman; LINCON, S. Yvonna. **Handbook of Qualitative Research**, second edition, 2000. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications.

BOURDIEU, Pierre. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, Renato (Org.). **Pierre Bourdieu: Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983, p.46-81.

CHANG, Heewon. Autoethnography: Raising Cultural Consciousness of Self and Others. In: **Methodological Developments in Ethnography Studies in Educational Ethnography**. Volume 12, 207–221, 2015.

DENZIN, K. Norman. Autoetnografia Interpretativa. **Revista Investigación Cualitativa**, 2(1), pp. 81-90, 2017.

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 1994.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**. Jorge Zahar Ed: v.1, 2ed, Rio de Janeiro, 1994.

ELLIS, Carolyn. *There are survivors: telling a story of sudden death*. **The Sociological Quarterly**, 34(4), pages 711-730, 1993.

EVARISTO, Conceição. **Escrevivência: a escrita de nós**. Constância Lima Duarte, Isabella Rosado Nunes (org). Mina Comunicação e Arte: 1.ed., Rio de Janeiro, 2020.

FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de Campo**, N. 13: 155-161, 2005.

FROCHTENGARTEN, Fernando. **A entrevista como método: uma conversa com Eduardo Coutinho**. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pusp/a/FWGjkZbNxJ3r7YFy4SgZ3Bj/>. Acesso em: 10 abr. 2024.

GAMA, Fabiene. Sobre emoções, imagens e os sentidos: estratégias para experimentar, documentar e expressar dados etnográficos. **RBSE**, v. 15, n. 45, p. 116-130, dezembro de 2016.

HARAWAY, Donna. **Ficar com o problema: fazer parentes no Chthuluceno**. São Paulo: n-1 Edições, 2023.

HARAWAY, Donna. Saberes localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial. **Cadernos Pagu** (5):7–41, 1995.

INGOLD, Tim. **Fazer: antropologia, arqueologia, arte e arquitetura**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2022.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 10.ed., São Paulo, 2014.

KUSCHNIR, Karina. Ensinando antropólogos a desenhar: uma experiência didática e de pesquisa. **Cadernos de Arte e Antropologia**, vol. 3, n. 2, 2014.

LAHIRE, Bernard. Patrimônios individuais de disposições para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, problemas e práticas**, n.49, pp.11-42, 2005.

LATOURETTE, Bruno. **Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia simétrica**. Trad. Carlos Irineu da Costa. Rio de Janeiro: Ed.34, 1994.

MARTINS, Valéria de Paula, et al. Oficinas de antropologia com crianças: notas sobre uma experiência. **Vivência: Revista de Antropologia**, n.62, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/vivencia/article/view/22106/18417>. Acesso em: 10 abr. 2024.

MENESES, Maria Paula. Epistemologias do Sul. **Revista Crítica de Ciências Sociais**, 80, março 2008: 5-10.

MILLS, Wright. **Imaginação Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

NGUNJIRI, Faith. W.; HERNANDEZ, Kathy-Ann. C.; & CHANG, Heewon. Living autoethnography: Connecting life and research. **Journal of Research Practice**, vol.6(1), 2010.

OYEWÙMÍ, Oyèrónkẹ. **A invenção das mulheres: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero**. Trad. Wanderson Flor do Nascimento. - 1. ed - Rio de Janeiro: Editora Bazar do Tempo, 2021.

PETERS, Gabriel. Agência, estrutura e práxis: uma leitura dialógica da teoria da estruturação de Anthony Giddens. **Teoria e Sociedade**, n.19.2, 2011.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual: práticas subversivas de identidade sexual**. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.

REED-DANAHAY, Deborah. **Auto/Ethnography: rewriting the Self and the Social**. Oxford: Berg, 1997.

ROSA, Tiago Barros. O poder em Bourdieu e Foucault: considerações sobre o poder simbólico e o poder disciplinar. **Rev. Sem Aspás**, v.6, n.1, p.3-12, 2017.

ROSENFELD, Cinara. L.; QUEIROZ, Allan.; BLANCO, Diego. M.; NAVAZO, Mathilde. M. Entrevista: Bernard Lahire. **Sociologias**, [S. l.], v. 17, n. 38, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/sociologias/article/view/52711>. Acesso em: 9 abr. 2024.

SANTOS, Silvio Matheus Alves. O método da autoetnografia na pesquisa sociológica: atores, perspectivas e desafios. **Plural – Revista de Ciências Sociais**, vol.24(1):214–41, 2017.

ZAMORA, Daniel. Why is our culture so obsessed with individual experience? An interview with Anna Kornbluh. **JACOBIN**, march, 2024. Disponível em: <https://jacobin.com/2024/03/anna-kornbluh-immediacy-individualism-capitalism>. Acesso em: 9 abr. 2024.